

# RELAÇÕES DISCIPLINARES DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO NOS CURSOS DE ARQUIVOLOGIA

Julianne Teixeira e Silva (Universidade Federal da Paraíba),  
Josemar Henrique de Melo (Universidade Federal da Paraíba)

## 1 INTRODUÇÃO

Os cursos de Arquivologia possuem, de maneira inerente, em sua estrutura curricular, um caráter multi, pluri e interdisciplinar tendo em vista a necessidade de agregar saberes e dialogar com outros campos do conhecimento, uma vez que a formação dos futuros arquivistas se completa a partir do teor das funções arquivísticas, ligadas diretamente aos acervos documentais de arquivo, produto da acumulação dos documentos produzidos e recebidos por uma instituição ou pessoa. Assim, é, por excelência, eivada de relações com outras áreas do conhecimento tais como a Administração, o Direito, a História, a Diplomática, a Sociologia, a Ciência da Informação, e mais recentemente com a Tecnologia da Informação.

Estas relações se estabeleceram a partir das necessidades e inevitabilidade teórico-metodológicas da Arquivologia, no decorrer de sua história como área científica, em decorrência dos procedimentos para organização e gestão dos arquivos. Inicialmente a relação mais próxima da Arquivologia era com a História, Diplomática e Paleografia. No caso da Diplomática e da Paleografia estas já eram auxiliares da História e, conforme

SILVA et al. (1999, p. 108) a arquivística era identificada, desde o século XVIII, como ‘Diplomática Prática’.

Num momento histórico mais recente, a partir da necessidade da racionalização do excedente documental, houve uma aproximação com a Administração. Sobre este aspecto é importante relatar a Gestão de Documentos<sup>209</sup>, como estudos determinantes da atuação dos arquivistas, desde a metade do século XX, e que se fundamenta na Administração.

Estas relações espraiam-se no processo de formação, sendo perceptíveis nos programas pedagógicos dos cursos de Arquivologia, componentes curriculares como Introdução à Administração, Instituições do Direito Público e Privado, História do Brasil e outras variações dentro dessa perspectiva.

Neste processo de desenvolvimento da Arquivologia e com a transformação digital promovida pelas tecnologias digitais da informação e comunicação estamos observando esse novo encontro dialógico, tendo em vista a necessidade da organização dos documentos digitais e da dinamização da organização e difusão do significativo legado dos acervos não digitais.

Destarte, é importante salientar que, em âmbito nacional, diversos trabalhos já foram realizados na perspectiva de compreender a entrada da área da Tecnologia da Informação (TI) nos programas dos cursos de arquivologia, tais como apontados por Araújo e Crestosmo (2009), Oliveira (2014), Flores (2015), Silva e Ataíde (2015), Dorneles e Melo (2020) e Chagas, Negreiro e Silva (2021), dentre outros. Estes trabalhos apontam, de acordo com os seus objetivos, o processo de disciplinaridade da TI nos cursos de Arquivologia. Destaca-se o texto de Flores (2015) que, a partir do levantamento de dados, no curso da Universidade Federal de Santa Maria (UFM), apresenta uma proposta para os cursos de arquivologia constituírem disciplinas de TI. Escreve este autor:

[...] para uma contemplação plena das necessidades inerentes à complexidade e especificidade do Documento Arquivístico Digital, seriam necessárias cinco disciplinas com conteúdos que serão apresentados à seguir: Base de GED [Gestão Eletrônica de Documentos]; Documentos Arquivísticos Digitais – DAD’s; Sistemas Informatizados de Gestão Arquivística de Documentos - SIGAD’s; Preservação Digital; Repositórios Arquivísticos Digitais. (FLORES, 2015, p. 96)

---

<sup>209</sup> A gestão de documentos é uma perspectiva norte-americana iniciada no pós-guerra que se fundamenta nas bases da Administração Científica e que influenciou a atuação de arquivistas no Brasil e em todo o mundo. A gestão de documentos sob o olhar da administração e da burocracia weberiana traz fortes reflexos no que fazer arquivístico até os dias atuais.

Observou-se na literatura que a preocupação está direcionada à inserção de disciplinas de TI nos cursos de Arquivologia, que se entende necessária para qualificar melhor os futuros arquivistas.

Entretanto, o trabalho de pesquisa que se inicia observa que não é apenas com a disciplinaridade da TI que melhoraremos a qualificação dos arquivistas, é importante também discutirmos a interdisciplinaridade e a transversalidade dos conteúdos, tanto nos componentes curriculares de TI como nos conteúdos técnicos e específicos de Arquivologia.

Essa preocupação faz-se necessária tendo em vista que, em muitos casos, a disciplinaridade não vem atendendo às transformações realizadas nos currículos dos cursos. Em que, boa parte dos egressos sentem-se limitados em relação às competências e habilidades necessárias para lidar com a realidade digital que se apresenta nas instituições, sejam públicas ou privadas.

Diante do exposto, nossa problematização refere-se em compreender como os cursos de Arquivologia abordam os componentes curriculares e conteúdos sobre tecnologia da informação?

Objetivo, da pesquisa em andamento, é analisar os componentes curriculares relacionados com a tecnologia da informação. Para isso iremos analisar o grau de disciplinaridade e interdisciplinaridade entre TI e Arquivologia aplicados nos componentes curriculares.

A hipótese norteadora da pesquisa funda-se no entendimento que há uma inadequação na interdisciplinaridade no que diz respeito aos componentes curriculares entre TI e Arquivologia.

O trabalho aqui desenvolvido está delineado como um ensaio teórico que compõe parte de um estudo exploratório-descritivo, de abordagem qualitativa lastreado em um levantamento de dados bibliográficos e documentais, tendo como amostra os cursos mais antigos de arquivologia, distribuídos nas cinco regiões brasileiras, sendo os seguintes: Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Brasília (UNB), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Desta forma, a pesquisa está, num primeiro momento, analisando os títulos das disciplinas e suas respectivas ementas. Os dados dessa pesquisa serão apresentados em futuras publicações. Os dados iniciais já apontam para um caráter disciplinar acentuado, limitações interdisciplinares e pouca transversalidade nos currículos analisados.

Os aportes teóricos aqui apresentados são apenas o ponto inicial de uma pesquisa que dará subsídios aos cursos de arquivologia, no sentido de

construírem seus projetos pedagógicos de cursos, não apenas sob o olhar da disciplinaridade como também da interdisciplinaridade e possíveis aplicações de transversalidade. Trouxemos, para essa pesquisa, alguns conceitos da área da Educação, na intenção de transcender às questões meramente técnicas da nossa área.

## 2 CURRÍCULOS DE ARQUIVOLOGIA: DOCUMENTO E AÇÃO

Este ensaio parte do entendimento de que o ensino de Arquivologia, bem como a pesquisa, deve ser compreendido como processo de construção dialógica de sentidos e construção de saberes entre os envolvidos no contexto pedagógico. Severino (2008, p. 172), salienta que “o fundamental no conhecimento não é a sua condição de produto, mas seu processo”.

Os currículos de cursos de graduação, mesmo sendo pautados pela esfera oficial por meio de políticas nacionais, são resultados de macro cenários e também de singularidades locais, pessoais, institucionais e, sobretudo das intenções dos sujeitos num processo de consonâncias entre os contextos social e educacional “[...] caracteriza-se pela fragilidade, fruto de acordos e de complexos processos de negociação”. (PAIVA, FRANGELLA e DIAS, 2006 p. 245).

Recomenda-se aos Núcleos Docentes Estruturantes (NDE) dos cursos de Arquivologia, conhecer e buscar aproximações com as atuais discussões do campo da teorização curricular (Teorias do Currículo), campo da Educação que visa compreender as funções e perspectivas da elaboração e ação do currículo no contexto educacional. Young (2014) defende a necessidade da aproximação entre o campo de especialização, a arquivologia no nosso caso, com as Teorias do Currículo, pois segundo o autor essa junção possibilita elaborar currículos mais críticos e não meras reproduções de modelos irrealis, descontextualizados e excludentes.

Dentre os conceitos de currículo optou-se por dois autores os quais as respectivas definições se aproximam e se adequam à realidade do ensino superior.

Para Apple (1982), o currículo não é um conjunto neutro de conhecimentos.

Ele [o currículo] é sempre parte de uma tradição seletiva, resultado da seleção de alguém, da visão de algum grupo acerca do que seja conhecimento legítimo. É produto de tensões, conflitos e concessões culturais, políticas e econômicas que organizam e desorganizam um povo. (APPLE, 1982, p. 59)

De forma a ampliar esse entendimento, Morgado (2004, p. 117) evidencia o currículo “como sinônimo de um conjunto de aprendizagens valorizadas socialmente e como uma construção permanente e inacabada, resultante da participação de todos. Um espaço integrado e dialético, sensível à diferenciação”.

Chagas, Negreiros e Silva (2021) destacam com propriedade as configurações dos currículos dos cursos de Arquivologia no Brasil, seus aspectos acadêmicos, institucionais, relações com o mercado, o perfil docente e as possibilidades de uma harmonização curricular. A investigação está consubstanciada por dois questionamentos cruciais, a saber: **qual é a arquivologia que fazemos?** E **qual é a arquivologia que queremos?** Nas conclusões os autores enumeram outra série de dúvidas salutares suscitadas no decorrer das pesquisas, dentre elas estão **que Arquivologia pretendemos ser, fazer e ensinar no Brasil?** Ao final, com muita generosidade acadêmica e com o intuito de estimular novas pesquisas, afirmam que a metodologia desenvolvida por eles e os resultados agora são da comunidade Arquivística e que “aguardam, a partir de novos olhares, novas leituras e interpretações, críticas e sua própria reconstrução”. (CHAGAS, NEGREIROS e SILVA, 2021, p. 204).

Diante desse convite e instigados pelo referencial teórico que fundamenta esse ensaio propomos mais uma reflexão por meio de uma pergunta provocativa, dirigida a toda comunidade Arquivística. **Os currículos de Arquivologia que fazemos, ensinamos e pretendemos fazer, estão a serviço de quem?** Está à serviço da sociedade, do mercado, da própria área (hermetismo), dos grupos hegemônicos, dos arquivos, das próprias instituições de ensino, de órgãos de controle e avaliativos, de alguma circunstância efêmera?

Como bem afirma Silva (2007)

[...] não podemos mais olhar para o currículo com a mesma inocência de antes. O currículo tem significados que vão muito além daqueles aos quais as teorias tradicionais nos confinaram. O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. [...] O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento é documento de identidade. (SILVA, 2007, p. 150)

O currículo não deve ser apenas um documento escrito por questões de um imperativo formal/legal, pois ele deve ser colocado em prática em cada um de seus detalhes. Currículo de curso é documento (escrita) e que precisa ser

ação efetiva, principalmente pelo corpo docente, discente e gestores dos cursos.

### 3 RELAÇÕES DISCIPLINARES E PRÁTICAS TRANSVERSAIS DE ENSINO APRENDIZAGEM

Os estudos que envolvem as relações disciplinares são discutidos sob duas abordagens, a epistemológica e a pedagógica. Este trabalho será conduzido sob as duas perspectivas, uma vez que não são excludentes. Ressalta-se ainda a utilização aqui, dos termos “disciplina” e “componente curricular” como sinônimos.

No intento de elaborar critérios para analisar os conteúdos relacionados às tecnologias digitais nos currículos de Arquivologia fez-se necessário empreender um percurso rumo aos conceitos balizadores desse trabalho, a saber: disciplinaridade, multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade, transdisciplinaridade e transversalidade. A composição destes prefixos distintos, tece uma rede conceitual sobre as características das relações disciplinares permeadas na Arquivologia, porém pouco discutidas.

Os conceitos balizadores circunscritos nesse trabalho, vieram das abordagens epistemológicas e pedagógicas sobre as relações disciplinares, os quais foram condensados no quadro 1 a seguir:

**Quadro 1 -** Conceitos das relações disciplinares

TERMO	CONCEITO
Disciplinaridade	“Exploração científica especializada de determinado domínio homogêneo de estudo, isto é, o conjunto sistemático e organizado de conhecimentos que apresentam características próprias nos planos do ensino, da formação, dos métodos e das matérias” (JAPIASSU, 1976, p. 72).
Multidisciplinaridade	“Evoca uma justaposição, num trabalho determinado, dos recursos de várias disciplinas, sem implicar necessariamente um trabalho de equipe e coordenado(...) só exige informações tomadas de empréstimo duas ou mais especialidade ou setores de conhecimento, sem que as disciplinas levadas a contribuir por aquela que as utiliza sejam modificadas ou enriquecidas” (JAPIASSU, 1976, p. 72-73).
Pluridisciplinaridade	“consiste em estudar um objeto sob diferentes ângulos, mas sem que tenha necessariamente havido um acordo prévio sobre os métodos a seguir ou sobre os conceitos a serem utilizados” (JAPIASSU, 1976, p. 73).

Interdisciplinaridade,	“Nível em que a colaboração entre as disciplinas ou entre os setores heterogêneos de uma mesma ciência conduz a interações propriamente ditas, isto é, a uma certa reciprocidade nos intercâmbios de tal forma que no final do processo interativo, cada disciplina, saia enriquecida” (JAPIASSU, 1976, p. 75).
Transdisciplinaridade	“Etapa superior [à interdisciplinar], que não se contentaria em atingir interações ou reciprocidades entre pesquisas especializadas, mas que situaria suas ligações no interior de um sistema total, sem fronteiras estabelecidas entre as disciplinas”. (Piaget, citado por (JAPIASSU, 1976, p. 75).
Transversalidade	“O conceito de transversalidade, nesse aspecto, refere-se à metodologia que organiza e promove conceitos, atitudes e procedimentos. O construtivismo e o sócio-construtivismo vêm sendo um suporte teórico-epistemológico adequado para esse desenvolvimento, já que consideram a contextualização, a problematização, a ação, a historicidade dos sujeitos e a atividade e interatividade entre eles. Assim, a escola promove a transversalidade dos temas em seu currículo por meio de atividades diversas, vivenciadas, experienciadas e avaliadas durante a aprendizagem” (GÓMEZ, 2009, p. 6).

Fonte: Elaborado pelos autores.

Complementando o enfoque conceitual deste ensaio traremos a perspectiva da complexidade que se dá em oposição ao conhecimento reducionista e hiperespecializado. MORIN, NICOLESCU e FREITAS (1994) e MORIN (2000, 2007, 2020), trazem como proposta para a educação, o pensamento complexo como forma diferenciada de lidar com o conhecimento e suas dinâmicas de ensino, aprendizagem e percepção de mundo.

Há, efetivamente, necessidade de um pensamento:

- que compreenda que o conhecimento das partes depende do conhecimento do todo e que o conhecimento do todo depende do conhecimento das partes;
- que reconheça e examine os fenômenos multidimensionais, em vez de isolar; de maneira mutiladora, cada uma de suas dimensões;
- que reconheça e trate as realidades, que são, concomitantemente solidárias e conflituosas (como a própria democracia, sistema que se alimenta de antagonismos e ao mesmo tempo os regula);
- que respeite a diferença, enquanto reconhece a unicidade. É preciso substituir um pensamento que isola e separa por um pensamento que distingue e une. É preciso substituir

um pensamento disjuntivo e redutor por um pensamento do complexo, no sentido originário do termo *complexus*: o que é tecido junto. (MORIN, 2000, p. 88-89)

Considerando o pensamento complexo de Edgar Morin, este ensaio tem como foco lançar a propositura de um percurso orientado à análise da interdisciplinaridade e da possibilidade de aplicação da transversalidade no ensino dos conteúdos de TI nos currículos de Arquivologia. Uma vez que a disciplinarização estanque e a fragmentação dos saberes nos projetos pedagógicos dos cursos, como grades-curriculares lineares e fracionadas não colaboram com o entendimento de ensino como processo e dificulta as conexões dos conteúdos de TI aplicados à Arquivologia.

É preciso deixar claro, que propostas interdisciplinares e transversais não são apenas designadas pelo que fica determinado e documentado nos PPCs, nas ementas ou nos programas das disciplinas. É preciso envolvimento docente e discente no processo de ensino aprendizagem. Cabe aos sujeitos a **intencionalidade** pela transversalidade, o que se configura como um traço fundamental para que tal proposta saia da pauta e vire ação.

Severino (2008, p. 170), salienta que o delineamento e a explicitação desta intencionalidade “constituem o fruto primacial da atividade teórica para a prática [...] Ao professor cabe articular seu projeto pessoal e existencial ao projeto global da sociedade na qual se encontra” em contraposição às idiossincrasias de um projeto particular e ‘egoístico’.

Na disposição de romper com a rigidez da fragmentação dos saberes, do ensino superior, a prática da interdisciplinaridade e transversalidade podem se consolidar em variadas configurações. Vai “depende radicalmente da presença efetiva de um projeto educacional centrado numa intencionalidade, definida esta a partir dos objetivos a serem lançados pelos sujeitos educandos.” (SEVERINO, 2008, p. 171). O autor complementa sua afirmativa constatando que “a prática interdisciplinar do saber é a face subjetiva da coletividade política dos sujeitos”.

Neste sentido, observa-se a importância da transformação do corpo docente no sentido de apropriar-se de outros conhecimentos, aprofundar novas temáticas, principalmente no que tange a TI, em suas práticas e métodos em sala de aula, pois, “o processo de Ensino-Aprendizagem (EA) nas IES não consegue acompanhar com a mesma velocidade as mudanças tecnológicas. Os “novos” alunos possuem uma maior habilidade com as novas tecnologias, enquanto parte dos docentes diante desse fato ainda são reticentes ao uso das TICs”. (LOBO, MAIA, 2015, p. 17).

Verifica-se que a intencionalidade dada pelo corpo docente marca efetivamente a transversalidade, pois esta se encontra nos processos metodológicos de ensino-aprendizagem posto em ação na sala de aula.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O delineamento do referencial teórico que apresentamos neste ensaio suscita a possibilidade de operacionalizar a interdisciplinaridade por meio da transversalidade como prática pedagógica, transcende aos aspectos integradores voltados aos componentes curriculares. Pois, é uma forma de aplicar o pensamento complexo, algo fundamental para que o arquivista possa atuar com temas relacionados ao entorno digital.

Entendemos que não basta “derramar” uma série de conteúdos sobre TI desconexos das funções e realidades arquivísticas - é preciso fazer sentido. Isto é, os alunos precisam compreender as partes, o todo e as dinâmicas das conexões estabelecidas em cada nó dessa rede. Significa dizer que o pensamento linear, analítico e fragmentado minimiza o entendimento dos significados das relações entre as partes e seu funcionamento como um todo. Este pensamento desagregado persiste vigorar na arquivística brasileira. Não obstante, acreditamos que o mesmo precisa ser repensado, quem sabe até mesmo superado.

Para este trabalho os autores concordam com o texto de Flores (2015) na necessidade e importância da TI nos cursos de Arquivologia, tendo em vista a formação desse profissional para atuar na complexidade do entorno digital que envolve os sistemas informatizados de produção, armazenamento, difusão e preservação e acesso de documentos. Entretanto, a discordância dá-se no processo da acentuada disciplinarização estanque dos conteúdos de TI no contexto do ensino da Arquivologia.

Enfim, nos aportamos no pensamento complexo, na teoria dos currículos, nos conceitos de transversalidade e interdisciplinaridade para indicar que se faz urgente a reflexão sobre a elaboração dos projetos pedagógicos de curso e componentes curriculares para que integrem saberes, conteúdos e temas de TI, no sentido de serem transversais aos componentes curriculares específicos da área da Arquivologia, a fim de prepararmos nossos alunos para atuarem de forma eficaz, crítica, inovadora, inclusiva e ética. Acreditando em seu papel transformador frente à missão social dos arquivos.

#### REFERÊNCIAS

APPLE, Michael. **Currículo e ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

ARAÚJO, Nelma Camelo de; CRESTOSMO, Simone. Análise das Disciplinas de Tecnologia da Informação Ofertadas nos Currículos dos Cursos de Arquivologia da Região Sul do Brasil. In: **Enc. Bibli. R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, v. 14, n. 28, p. 93-114, 2009.

CHAGAS, Cintia Aparecida; NEGREIROS, Leandro Ribeiro; SILVA, Welder Antônio. **Formação em Arquivologia no Brasil: análise e perspectivas acerca de uma possível harmonização curricular.** Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora. 2021.

DORNELES, Sanderson; MELO, Josemar Henrique de Melo. Tecnologias nos Cursos de Arquivologia. In: **Pesq. Bras. em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v. 15, n. 3, p.035-042, 2020.

FLORES, Daniel. Desafios Contemporâneos dos Currículos de arquivologia: A gestão dos documentos arquivísticos digitais e suas relações interdisciplinares da Arquivologia. In: NEVES, D. A. B.; ROCHA, M. M. V.; SILVA, P. (orgs.) **Cartografia da Pesquisa e Ensino da Arquivologia no Brasil: IV REPARQ.** p. 119-178. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015. p. 91-118.

GÓMEZ, Margarita Victoria. A transversalidade como abertura máxima para a didática e a formação contemporâneas. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 3, n. 48, p. 1-12, 2009.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber.** Imago editora, 1976.

LOBO, Alex Sander Miranda; MAIA, Luiz Cláudio Gomes. O uso das TICs como ferramenta de ensino-aprendizagem no Ensino Superior. **Caderno de Geografia**, v. 25, n. 44, p. 16-26, 2015.

MORGADO, José Carlos. Educar no século XXI: que papel para o(a) professor(a)? In: MOREIRA, A.F.B.; PACHECO, J.A; GARCIA, R. L. (orgs.). **Currículo: pensar, sentir e diferir.** Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MORIN, Edgar. Desafios da transdisciplinaridade e da complexidade. **Inovação e interdisciplinaridade na universidade. Porto Alegre: EDIPUCRS**, p. 22-28, 2007.

MORIN, Edgar; NICOLESCU, Basarab; FREITAS, Lima de. Carta da transdisciplinaridade. **Portugal, Convento da Arrábida, novembro de, 1994.**

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita.** 8.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

OLIVEIRA, Flávia Helena de. **A formação em arquivologia nas universidades brasileiras: objetivos comuns e realidades particulares.** 2014. 223 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

PAIVA, Edil V. de; FRANGELLA, Rita de Cassia Prazeres; DIAS, Rosane Evangelista. Políticas curriculares no foco das investigações. In: LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth (org.) **Políticas de currículo: múltiplos contextos.** São Paulo: Cortez, p. 241-269, 2006.

SEVERINO, Antônio Joaquim. O uno e o múltiplo: o sentido antropológico do interdisciplinar. *In*: JANTSCH, Ari Paulo; BIANCHETTI, Lucídio (org). **Interdisciplinaridade**: para além da filosofia do sujeito. 8. Ed. Petrópolis: Vozes, p. 159-175, 2008.

SILVA, Armando Malheiro da; RIBEIRO, Fernanda; RAMOS, Júlio; REAL, Manuel Luís. **Arquivística**: teoria e prática de uma Ciência da Informação. Porto: Afrontamento. 1999.

SILVA, Ismaelly Batista dos Santos; DIAS, Guilherme Ataíde. A inserção das tecnologias da informação e comunicação como auxiliares para formação no ensino superior: um estudo de caso na área da Arquivologia. **Colóquio Internacional de Pesquisa em Educação Superior**: saberes, tecnologias e os desafios para a formação, 3. João Pessoa, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução as teorias do currículo. 2 ed. 11 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

YOUNG, Michael. Teoria do currículo: o que é e por que é importante. **Cadernos de Pesquisa** [online], v. 44, n. 151, p. 190-202, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053142851>. Acesso em 13 Maio 2022.